

Violência assusta no pequeno Queimadinho

Foto: Artur de Faria

DROGAS – O tráfico é uma atividade criminosa presente em toda a cidade e causa grande preocupação também no Queimadinho. A comunidade diz que os marginais agem livremente no bairro

JOSÉ ARAÚJO NETO

NOSSO BAIRRO

Deve ser o menor bairro da cidade. De tão pequeno, o Queimadinho não possui nem mesmo uma linha de transporte coletivo, mas sofre com alguns dos piores problemas dos bairros populares, como a violência urbana



e, principalmente, o tráfico de drogas. No pequeno espaço onde fica situado, entre a Lapinha, Caixa d'Água e a Liberdade, existem algumas das preciosidades da história antiga e recente de Salvador, como o Centro de Memória da Água e a Organização de Auxílio Fraternal (OAF), uma entidade revolucionária para os padrões do ensino baiano.

Basicamente o Queimadinho engloba três setores: o Parque do Queimado, a Rua do Queimado, que dá acesso a vários bairros adjacentes, terminando na Vila Vicentina, tudo não ocupando mais que um quilômetro de extensão. A vila é ligada à Avenida Peixe, localidade situada na parte baixa da Liberdade e que ficou famosa nos anos 80, quando chegou a ser comparada à Baixada Fluminense, por causa da ação das gangues, particularmente uma denominada de "Bebê a Bordo".

Hoje, a avenida está bem mais calma e pouco se ouve falar dela no noticiário policial. No entanto, para quem mora perto, como a população do Queimadinho, o crime organizado ainda tem suas raízes ali. Conforme o aposentado Manuel Viana, 45 anos, que tomava cerveja em um barzinho da vila, a tranquilidade do bairro é muitas vezes alterada pelo som estridente de sirenes de viaturas policiais e disparos de armas de fogo durante perseguições a marginais do bairro vizinho.

A dona-de-casa Expedita Mendes, 30 anos, confirmou a denúncia. Ela disse que a violência urbana é decorrente do tráfico de drogas, que vem aumentando assustado-

amente no bairro. Os traficantes vêm conseguindo atrair jovens, estudantes de escolas da localidade e até da OAF. "É um horror o que a gente presencia por aqui, todos os dias", falou a mulher. "De noite e de dia, não importa a hora, os traficantes aparecem e começam a provocar os estudantes; muitos os ignoram, mas alguns acabam por cair na conversa e fazendo uso de drogas em todo os lugares, mesmo aí no meio da praça", apontou, revoltada.

O domínio dos traficantes é tanto, que eles conseguiram instaurar um pavor no local. A testemunha contou que reside na vila um capitão da PM, que, mesmo sendo provocado, ao entrar e sair de sua residência, fardado, não reage à ação da marginalidade. "Ele sabe que, se reagir, aparece com a boca cheia de formiga no outro dia", acredita a dona-de-casa. Elimar Fonsêca, 45 anos, mãe de quatro filhos, também falou sobre as drogas, indicando que no Largo do Ouro, até ao meio-dia, jovens de ambos os sexos fazem uso de drogas sem nenhuma repressão por parte da Polícia.

O passado

Logo após descer da Caixa d'Água e antes de subir para a Lapinha, no Parque do Queimado há o Centro de Memória da Água, uma sociedade sem fins lucrativos, que foi fundada no final da década de 80 com o objetivo de restaurar e preservar fontes, chafarizes e monumentos ligados à história do abastecimento de água da cidade de Salvador e do Estado. O prédio onde se localiza é o mesmo da Companhia do Queimado, a primeira empresa de abastecimento de água do Brasil, construída no século passado.

O aqueduto baiano – inspirado na arquitetura dos romanos – foi construído a partir da Fonte do Queimado, edifi-



Com mais de 40 anos de atuação, a Organização do Auxílio Fraternal notabilizou-se por encaminhar na vida jovens carentes

LOCALIZAÇÃO



Edição de Artur de Faria

cada em 1801, mas conhecida dos jesuítas desde o século XVIII. O próprio D. Pedro II visitou o local em 1859, quando foi inaugurado o Reservatório do Cosme, primeiro em alvenaria erguido no País.

Apesar de todo este referencial, e assim como outros marcos históricos existentes em bairros populares de Salvador, como o ponto que de-

termina o primeiro poço de extração de petróleo do Brasil, no Lobato, ou mesmo a primeira igreja de pedra do continente sul-americano, em Escada, a Fonte do Queimado está completamente abandonada pelos poderes públicos. O lago não parece mais ser de água, mas de grama, devido ao visual verde das baronessas, plantas que sobrevivem do lodo.

Uma fábrica de cidadãos

Buscando modificar algumas das características mais negativas de nosso povo, como esse desprezo pelo passado, e conceitos sedimentados, como o de que uma pessoa que nasce pobre no Brasil tem todas as possibilidades de morrer na mesma condição social, surgiu no Queimadinho, há 42 anos, a Organização de Auxílio Fraternal. Sua atuação tornou-se de referência para o BID (Banco Mundial) na recuperação e profissionalização de parte da juventude mais carente de Salvador.

Para chegar ao que é hoje, quando prepara mais de 650 jovens para o mercado de trabalho, em diferentes campos da atividade humana, como a automação industrial, pneumática, eletrônica, hidráulica, movelaria, vídeo, mecânica e manutenção hospitalar, a OAF começou bem pequena. Foi fundada pela advogada Dalva Mattos, em 1958, com o objetivo de manter as mães unidas aos filhos que se encontrassem em situação de extremo risco, por violência doméstica ou por abandono mesmo.

A OAF não é uma entidade do tipo assistencialista que depende

de terceiros, como a maioria existente na Bahia e no Brasil, mas consegue se autofinanciar. No local há diversas oficinas, que produzem de móveis escolares – de última geração, por sinal – até adesivos, passando por cliques e aparelhos de fototerapia.

Trata-se, na realidade, de um conceito revolucionário em termos educacionais, pois levará crianças e adolescentes carentes a penetrarem no mundo da ciência pelo universo lúdico, ou seja, pela imaginação. No imenso galpão, existem aparelhos que demonstram – pela prática – a dinâmica da movimentação dos corpos pela energia cinética, mecânica e elétrica. Provavelmente, em nenhuma escola particular da cidade há tantos aparelhos de ciência interativos.

Um dos instrutores é o estudante Robson Silva Santos, 19 anos. Ele chegou ali com 4 anos de idade, com a mãe, abandonada à própria sorte. Ela constituiu nova família e reside no interior do Estado, e ele, agora, com todo o conhecimento científico desenvolvido, é formado pela Escola Técnica e se prepara para o vestibular de Engenharia Civil.